

Venezuela: sintoma do mundo que aí vem

O corolário Trump da Doutrina Monroe é a consagração internacional do autoritarismo e do imperialismo predatório.

Nuno Severiano Teixeira | *Público* | 7 de Janeiro de 2026

O mundo assistiu estupefacto à operação militar que decapitou o regime na Venezuela e capturou selectivamente o ditador que o governava. E mais estupefacto ficou depois da conferência de imprensa do Presidente americano em que este justificou a operação com o controlo do petróleo venezuelano anunciou que ele próprio governaria a Venezuela, enquanto fosse preciso. Estupefacto e incrédulo. Mas na verdade não foi a primeira vez que Trump interveio na Venezuela.

No seu primeiro mandato, tentou a mudança de regime pela via política e justificou-a, ainda, com a narrativa da democracia e dos direitos humanos. Lançou Guaidó na crise presidencial contra Maduro entre 2019 e 2023. Mas não preparou a transição política e, no momento crucial, deixou-o cair e arrumou-o, em Miami, numa espécie de exílio universitário. Agora, tudo foi diferente.

Invocou motivos judiciais, mas escolheu a via militar. O objectivo não foi a mudança de regime, mas a predação de recursos. Não invocou princípios ou valores e justificou-se, simplesmente, com interesses económicos. Substituiu a democracia e os direitos humanos pelo petróleo e os recursos naturais. Que a operação militar foi um sucesso, não há dúvida. Quanto ao futuro político da Venezuela, nada sabemos além de que será Trump a mandar. Mas como, com quem e até quando? Controla todo o país ou haverá resistência? Isto é: o futuro próximo da Venezuela passará pelo protectorado americano ou pela guerra civil? Não sabemos.

Mas há algumas coisas que já sabemos. E há, pelo menos, uma coisa boa, quiçá a única: a remoção do tirano que perdeu as eleições e se manteve no poder sem legitimidade democrática. Pela repressão política e a força das armas. Um ditador ilegítimo e um regime ilegítimo. Mas é preciso dizê-lo com clareza: uma ilegitimidade não pode justificar outra ilegitimidade. Os fins não justificam todos os meios. E o que se passou na Venezuela passou-se à margem do direito internacional. Aliás, é o sintoma do mundo que aí vem e que não parece bom.

É, em primeiro lugar, a institucionalização do fim da ordem internacional baseada em regras e a sua substituição por uma ordem internacional baseada em negócios. O fim do primado da norma e a sua substituição pelo primado da força. O fim do multilateralismo e a sua substituição pelas esferas de influência. Em que as grandes potências se arrogam o direito de instituir a sua área de segurança (Hitler diria o seu espaço vital) e, nessa área, pôr e dispor das outras potências que não terão mais do que soberania limitada.

Dito de outro modo: é o imperialismo. Puro e duro. Foi essa a demonstração de Donald Trump.

É, em segundo lugar, a primeira concretização prática da esfera de influência americana, definida na Estratégia de Segurança Nacional como o corolário Trump à Doutrina Monroe e que define como primeira prioridade o chamado “hemisfério ocidental”. A hegemonia política, o controle predatório dos recursos económicos e o afastamento da influência das potências externas. Foi o que Trump invocou para justificar a intervenção. Ora, neste sentido, o que se passou na Venezuela não é mais do que o ensaio prévio do que se pode passar em toda a esfera de influência. E note-se que o hemisfério ocidental vai da Terra do Fogo à Gronelândia. O que não sabemos, ainda, é se na geografia de Trump os Açores caem ou não no dito hemisfério.

E é, em terceiro lugar, o fim da democracia como o único regime político internacionalmente aceite como legítimo. Após anos de recessão democrática e autocratização progressiva, esta é a confirmação do facto consumado. Na sua declaração, Trump nunca pronunciou a palavra "democracia". Descartou a possibilidade de o Presidente eleito, Edmundo González, ou a prémio Nobel Corina Machado fazerem parte da solução política. Exigiu à vice-presidente, Delcy Rodríguez, o combate à droga, a expulsão das redes e países hostis e o fim da venda de petróleo aos adversários de Washington. Isto é, capturou o Presidente, mas negociou com o resto da cúpula do regime. É o mesmo regime sem Maduro.

É evidente o que está em causa: o direito internacional, a ordem multilateral e a democracia. Isto é, a identidade política europeia. É a consagração internacional do autoritarismo e do imperialismo predatório. Os dirigentes políticos europeus reagiram envergonhados. Convém que percamos a vergonha. Antes que o problema lhes bata à porta. Não deve faltar muito. Trump já avisou: vai tratar da Gronelândia dentro de 20 dias.

<https://www.publico.pt/2026/01/07/opiniao/opiniao/venezuela-sintoma-mundo-ai-vem-2160245>